

S E R M A M

DA DOMINGA

DA QVINOVAGESIMA

Que prègon na Capella Real

O P. Fr. L V I S D E S. I O S E P H
Lente de Theologia, & Custodio da Pro-
vincia de S. Antonio dos Capuchos.



EM LISBOA.

Na Officina de I O A M D A C O S T A.

A custa de ANTONIO LEITE PEREIRA Mercador
de liuros na rua noua.

M. D C. L X X I V.

Com todas as licenças necessarias.

S E R M A M

DA DOMINGA

DA QVINOVAGESIMA

Que se celebra no Capitulo Real

O R A T O R I O D E S. I O S E P H O

Leitor de Theologia, & Custodio da Paroquia de S. Antonio dos Capuchos



EM LISBOA

Na Officina de LOAM DA COSTA

Academia de Antonio Leite Pereira & Mercaderes
de livros na rua Nova

M D C L X X I V

Com todas as licenças necessarias

I E S V F I L I D A V I D

miserere mei. Luc. 18.



NOTAVEL genio he o do Sol (muito alto, & muito poderoso Principe, & Senhor nosso) notavel genio, dizia eu, he o do Sol, pois não gahando momento algum, sem dar alentados passos, nem hum passo sò dà, sem fazer importantes beneficios. Não gahando momento algum, sem dar alentados passos, porque sempre anda em hum movimento continuo, discorrendo com infatigavel defuelo, já do Oriente ao Poente todos os dias, já do Poente outra vez ao Oriente todas as noytes, já de hum signo pera outro signo todos os mezes, já do signo ultimo, outra vez pera o primeiro todos os annos. *Oritur Sol, & occidit, & ad locum suum revertitur.* Não dà passo algum sem fazer importantes beneficios, porque tudo quanto com suas beneficas luzes, cuidadoso regista, tudo com suas benignas influencias ativo recreya, influndendo nos outros corpos celestes

os resplandores, com que se adornaõ, & nos sublunares os alentados, de que viuem: *Sol illuminans per omnia respicit.* He o Sol na dignidade soberano Principe, no posto benemerito Superior, no defuelo, & beneficencia, luzido exemplar de Princeses, & ajustado modelo de Superiores: Donde se infere com toda a evidencia, que pera os Princeses, & Superiores, se portarem neste particular, como deuem, copiar deuem em si com toda a perfeição deste luzido exemplar os primores, delineando em seus procedimentos com todo o primor de taõ ajustado modelo as perfeições; Como fazia aquelle inclito Monarcha, o grande Theodosio, de quem o seu Panegyrista Principal por grande louvor seu o affirmava: *Sol stare nescit, ita tu Imperator continuatis negocijs, & in se quodam orbe reduntibus, semper exercuus es, & multo melhor o Principe dos Monarchas, Christo bem nosso, de quem os oraculos divinos, por elogio*

Ecclef.
41.16.

Ecclef.
1.5.

Milach.

4.21

ſingular ſeu o teſtemunhaõ, *orientur vobis Sol juſtitia, & ſanitas in pennis ejus.*

Sol verdadeiro no deſuelo, & beneficencia, foi eſte ſoberano ſenhor, em quanto no mundo viueo, porque em quanto viueo em o mundo, não admittio momento de deſcanço, nem perdeo occaſiã de fazer beneficios, como aduertio em poucas palauras o Apõſtolo S. Pedro, & moſtrou em muitos ſucceſſos a experiencia, *Pertransijt benefaciendo* Não admittio momento deſcanço, porque nunca tomou a eſtancia deſte mundo de aſſento, ſendo o homem de maior aſſento, que no mundo ouue; ſempre andou como de caminho, diſcorrendo a huma, & outra parte, já de huma Prouincia para outra Prouincia, já de hum pouo, para outro pouo, já da Corte para o deſerto, já do deſerto para a Corte, já da terra para o mar, já do mar para a terra. *Pertransijt.* Não perdeo occaſiã de fazer beneficios, porque em toda a parte, a todo tempo, com todos os ſujeitos, de todos os Eſtados, & fortunas, exercitava ſua natural beneficencia, diſpendando liberalmente, como reſplandecente Sol ſuas luzes, & como generoſo Princepe ſeus fauores, *benefaciendo;* De que temos varios exemplos no texto Evangelico, & dous mui particulares no Euangelho preſente: O primeiro em hu na compendioſa

4

relaçã, que fez diante dos doze Apõſtolos, ſeus principaes Diſcipulos, no caminho de Jeruſalem, declarandolhe em ſegredo o muito, q̄ naquella Cidade auia de padecer, & como ao tereiro dia depois de ſua morte auia reſuſcitar. *Ecce aſcendimus Ieroſolimam, &c.* Para que preuenidos com a noticia de ſeus trabalhos futuros, menos os ſentiſſem, quãdo os viſſem padecer de preſente, que ſempre magoãdo menos, experimentados de preſente os golpes, que ſe chegaraõ a preuer futuros, & para que animados com a certeza de ſua triumphante reſurreiçãõ, menos os magoaſſe a experiencia de ſua tormentoſa morte, pois nunca deixou de adoçar a penalidade do tormento a infalibilidade do triumpho.

O ſegundo em hum officioſo milagre, que oõrou em hum pobre cego; que curou junto a Ierico: o qual inuocando affectoſo ſua diuina miſericordia. *Ieſu fili Dauid miſerere mei,* mereceo experimentar feliz ſua omnipotente virtude, *reſpice, fides tua te ſaluum fecit.* Mas he muito para notar (& ſeruirã de primeiro reparo) que indo Chriſto neſta occaſiã acompanhado, não sò dos Diſcipulos, que ordinariamente o acompanhauãõ; mas de muita gente mais, que attenta já a ſua doutrina, já a ſeus milagres, o ſeguia, a ninguem recorreo o cego, ſenaõ a Chriſto. *Ieſu fili Dauid,*

uid. E porque se não valeo o cego de algum terceiro, para negociar com Christo o fauor que pertendia? porque não tomou por valledor algum dos Discipulos, para proseguir por intercessão sua, o remedio, de que necessitava? Fez o q̄ deuia fazer o cego; Tinha em Christo hum Príncipe muito beneuolo, hum Príncipe muito benigno, hum Príncipe muito bem inclinado, hum Príncipe muito propenso a fazer bẽ, & achou, que não conuinha recorrer a outrem, senão a elle, porque sendo notoria no Príncipe a benignidade, ao Príncipe pessoalmente deuem recorrer os pretendentes com toda a confiança.

Bem estaua nesta maxima o prudente Dimas, pois tendo jũto de si no Caluario a S. Ioaõ, que era o Ministro mais confidante, & o assistente mais valido de Christo *Discipulum stantem, quem diligebat*: a Christo, & não a S. Ioaõ, apresentou o seu discreto memorial *Domine memento mei*: a Christo, & não a S. Ioaõ, recorreo em sua bem fundada pretensão: E pois se S. Ioaõ he Ministro, & tão valido de Christo, porque não negocia Dimas com Christo o despacho, que pretende, por meyo de S. Ioaõ? Porque não apresenta a S. Ioaõ, senão a Christo, o seu memorial? já està dito; porque entendeo, que não conuinha: *Sabia Dimas, que era Christo hum*

Príncipe muito beneuolo; & muito benigno, & entendeo, que sendo tão beneuolo, & tão benigno, o Príncipe, a ninguem conuinha recorrer senão a elle. Não recorreo Dimas a S. Ioaõ, que era ministro, & valido; recorreo a Christo, que era Príncipe, & muito inclinado a fazer bem por muito benigno. A benignidade, que no Príncipe reconhecia, lhe deu confiança pera recorrer pessoalmente a elle, & não a outrem, em sua pertençaõ, apresentandolhe pessoalmente seu memorial *Domine memento mei*: porque sendo notoria nos Príncipes a benignidade, aos Príncipes, & não a outrem, deuem recorrer os pretendentes com toda a confiança.

E deixadas outras razoes; que eu consideraua, assim da parte dos pretendentes, como dos Príncipes, a que eu considero mais ajustada, por mais politica; he porque o não recorrer pessoalmente aos Príncipes, negociando por terceira pessoa com elles, he furtarlhes, ou pello menos diminuir lhes a gloria, que do exercicio da beneficencia lhes resulta; o que na minha opiniaõ he offensa graue contra o decoro deuido à generosa beneuolencia dos Príncipes. Resulta aos Príncipes grande gloria do exercicio da beneficencia, & por não diminuir em si a gloria, que do exercicio da beneficencia lhe re-

luta, não gostam os Príncipes de admitir companhia nas expedições de beneficencia, que exercitaõ: pois mais facilmente communicarão os Príncipes generosos com seus Ministros, & assistentes, as ostentações da Magestade, que as expedições da beneficencia. Em presença do Sol, que he o Principe dos astros, nenhum dos outros astros dá luz, porque o Sol com a vehemencia de seus intensos rayos, impede o dar luz a todos os mais astros. Não priua o Sol aos outros astros da luz com sua presença, porque em presença do Sol não deixão de ter luz os astros, antes do Sol, que he fonte manancial da luz, recebem os outros astros a luz principal, que tem, como ensina a mais apurada Filosofhia, & approua a mais ajustada Mathematica. O que faz o Sol he impedir aos outros astros a comunicação da luz, não consentindo, que dê outrem luz aos sublunares, senão elle, em quanto assiste presente: porque como isto he lanço de singular beneficencia, quer ser singular na expedição da beneficencia, que exercita, por não ficar diminuto em a gloria, que deste exercicio lhe resulta. As luzes q' são ostentação da solar Magestade, reparte liberal o Sol com os outros astros ministros, & assistentes seus: a communicação, que he lanço de beneficencia, refer-

ua prouido só para si, mostrando, que os Príncipes generosos mais facilmente repartirão com seus assistentes, & Ministros, as ostentações da Magestade, que as expedições da beneficencia. Passemos dos exemplos naturaes ao exemplar diuino.

Grandes merces fez Deos ao Patriarcha Iacob em Bethel, quando lhe appareceo em a celebre visão da escada, porque ali lhe prometeo aquella dilatada prouincia, que por isto se chamou depois terra de promissaõ, de juro, & herdade, para elle, & para seus descendentes, *terram in qua dormis, tibi dabo, & semini tuo*. Ali prometeo de fazelo Ascendente da mais numerosa descendencia, & tronco da mais illustre familia, *eritque semẽ tuũ sicut puluis terræ*. Ali lhe disse, o auia fazer pay natural do Messias, & progenitor seu em quanto homem, *benedicentur in te, & in semine tuo cuncta tribus terræ*. Ali protestou de o acompanhar, & guardar, assim na sua pessoa, como na de seus descendentes, por onde quer que fossem, & andassem, *ero custos tuus quocumque perrexeris*. Ali finalmente o allegrou de que o auia restituir áquella terra, liurandoo em sua pessoa das injustiças de Labão, & nas de seus descendentes das tiranias de Pharaõ, *& resuscitem te in terram hanc*. Mas reparo eu, em que achandose ali muitos An-

Genel.
28. á n.
13.

jos,quẽ se alternauã sobindo,& decendo pella escada: *Angelos quoque ascendentes, & descendentes.* Fizeffe Deos a Iacob por si mesmo, & naõ por ministerio de algum Anjo, estas promessas, & merces. *Dominum innoxim scala dicentem sibi.* E bem se os Anjos são Ministros ordinarios de Deos *omnes sunt administratoris spiritus,* & nesta occasiã se achão entre Iacob, & Deos tantos Anjos, porque se naõ aproueita Deos do ministerio dos Anjos, para fazer a Iacob estas merces, & promessas? serã por ventura, porque a expedição destas promessas, & merces, era lanço de singular beneficencia, & os lanços da beneficencia naõ os são os Princeses generosos, senão de si mesmos? boa razão, & he a que serue a nosso intento, mas tem cõtra si huma valente instancia, pois no Tabor communicou este mesmo Senhor com Moyfes, & Elias assistentes, & Ministros seus, as ostentaçoens da Magestade, porque com grandes ostentaçoens de Magestade (como affirma S. Lucas)forão vistos estes dois Prophetas em o Tabor, *erant autem Moyfes, & Elias, visi in maiestate.* Difficulto assim: te no Tabor reparte o filho de Deos com Moyfes, & Elias seus assistentes as ostentaçoens da Magestade, porque naõ reparte em Bethel com os Anjos Ministros seus a expedição da beneficencia? Se

admitte por companheiros nas ostentaçoens da Magestade os dous Prophetas puros homens, porque naõ admite ao menos por medianeiros na expedição da beneficencia, Ministros verdadeiros Anjos? foi sem duuida, por mostrar, que como Principe generoso mais facilmente cõmunicaua com seus Ministros, & assistentes, as ostentaçoens da Magestade, que as expediçoens da beneficencia. As luzes, que eraõ ostentação da Magestade, repãrtio com os dous Prophetas seus assistentes, a expedição das merces, que eraõ lanços de beneficencia, naõ fiou, nem ainda dos Anjos Ministros seus, como quem fazia mayor estimação da gloria, que da beneficencia lhe resultaua, que da gloria, q da Magestade lhe procedia.

Politica, em que deuia fundarse este soberano Principe, naõ admitindo companhia na obra da Redempção, como admitirá na expedição do juizo. Na expedição do juizo ha de ter este soberano senhor por companheiros, & assessores, a seus Apostolos, como elle mesmo lhe prometeo, *cum siederit filius hominis in sede Math. 19.28. Majestatis sua, sedebitis, & vos judicantes.* Na obra da Redepção nenhum assessor, nem companheiro admitio, como elle mesmo protestou, *torcular calcavi I.ii.63. suis.* E porque? Que motiuo teria o senhor para naõ admitir

Luc.9.
31.

Luc.9.
31.

mitir

mitir companheiro alguma na obra da Redempção, auendo de admitir tantos na expedição do juizo? & porque admitirá tantos assessores na expedição do juizo, se nenhum companheiro quiz admitir na obra da Redempção? A razão a meu ver está euidente: a expedição do juizo ha de ser humna solemne ostentação da soberana Magestade do Senhor, *in sede maiestatis sue*, a obra da Redempção foi hum singular lanço de sua generosa beneficencia, *torcular calcavi*, por isso na obra da Redempção, não quis admitir companheiro algũ, & na expedição do juizo admitirá tantos; porque como generoso Principe maior estimação faz da gloria, que da beneficencia lhe resulta, que da gloria, que da Magestade lhe procede, dando neste illustre exemplo este importante documento aos Príncipes generosos, que por este titulo mais facilmente deuem communicar com seus Ministros, & assistentes, as ostentações da Magestade, que as expedições da beneficencia. Aduertido procedeo logo o pretendente do nosso Euangelho, pois sabendo passaua o Senhor acompanhado de seus Discipulos, & de muita gente, a ninguém recorreo senão a elle, em sua pretensão: Ao benefico Principe apresentou pessoalmente o seu ajustado memorial. Para que sendo toda sua a expedição da

beneficencia, ficasse sendo a gloria desta expedição toda sua. *Iesus fili David miserer mei.*

Dous titulos deu o cego neste seu memorial a Christo, de Saluador o primeiro, que isso quer dizer Iesus, & de filho de Dauid o segundo, sendo que parece, deuia ser ao contrario, porque primeiro foi o Senhor filho de Dauid, que Saluador dos homẽs, filho de Dauid foi logo na Cõceição, pois no mesmo ponto em q̃ começou a ter ser de verdadeiro homẽ, ficou filho verdadeiro de Dauid: Saluador dos homẽs foi o *initiatius*, no dia da Circuncisão, quando recebeu a primeira vez o sempre glorioso nome de Iesus, *& vocatum est nomen eius Iesus & completius* no tempo de sua morte, quando deu felis comprimento à heroica obra da Redempção, *consummatus est*, & recebeu solememente este glorioso nome. *Iesus Nazarenus*. Como não dà logo o cego em seu memorial a Christo o titulo de filho de Dauid primeiro que o de Saluador, porque o intitula primeiro Saluador, se elle primeiro foi filho de Dauid? Com prudẽte acordo, por certo, & a razão he, porq̃ se o titulo de filho de Dauid em Christo denota a nobreza de seu ser em quãto homẽ; o titulo de Saluador dos homẽs, declara a generosidade do seu obrar em quanto Redẽptor. & na estimação dos sojeitos generosos,

Luc. 2.
11.

Ioann.
19. 30.

como era Christo, & deuem ser todos os Princeses, melhor lugar tem os titulos, que declarão do obrar a generosidade, que os que denotão do ser a nobresa. Denota o titulo de filho de Dauid em Christo a nobresa de seu ser em quanto homem, porque o Pouo Hebreo naquelle tempo era o mais nobre do mundo, & a familia de Dauid, que era a Real, sempre foi a mais illustre do Pouo Hebreo. Declara o titulo de Saluador a generosidade de seu obrar em quanto Redemptor, porque na obra da Redempção se portou o Senhor com toda a generosidade, nem se pode considerar igual generosidade a que o filho de Deos mostrou na obra da Redempção; Por isso com misterioso acerto se lhe dà em primeiro lugar de Saluador, & em segundo de filho de Dauid, o titulo, pois como diziamos, na estimação dos Princeses generosos, primeiro lugar tem, não os titulos, que denotão a nobresa do ser, senão os que declarão a generosidade do obrar.

Princepe dos Reis da terra, & primogenito dos mortos, intitula o Euangelista S. Ioão a este Senhor em seu Apocalypse, & o que mais he, primogenito dos mortos, primeiro que Princepe dos Reis da terra. *Primogenitus mortuorum, & Princeps Regum terre.* Sendo que ao contrario parece deuia ser, por ser o Senhor primeiro Princepe dos Reis da terra, que primogenito dos mortos, porque se bem se repara,

Princepe dos Reis da terra foi Christo ab eterno em quanto Deos, & do primeiro instante de sua conceição, em quanto homem; Primogenito dos mortos começou a ser em o tempo de sua morte. Mais o ser Princepe dos Reis da terra cõpete a Christo primario em quanto Deos, & secundario em quanto homem, porque se ainda em quanto homem he Princepe verdadeiro dos Reis da terra, he porque he juntamente verdadeiro Deos: O ser primogenito dos mortos compete-lhe primario em quanto homem, & secundario em quanto Deos, porque o Senhor não morreu em quanto Deos, senão em quanto homem; & em toda a boa razão o diuino se deue preferir ao humano, não o humano ao diuino: tudo são verdades Catholicas, & Theologias correntes: como logo, quando S. Ioão se empenha em dar a seu diuino Mestre estes titulos, lhe dà primeiro o titulo de primogenito dos mortos, & não o de Princepe dos Reis da terra? Direi: o titulo de Princepe dos Reis da terra denota em Christo a nobresa de seu ser, porque de ser verdadeiro Deos, que he a mais esclarecida nobresa, procede o ser Christo Princepe dos Reis da terra; o titulo de primogenito dos mortos declara a generosidade do seu obrar, porque obra de superior generosidade foi o deixarse morrer, sendo verdadeiro Deos, por saluar os poucos homens, por isso o intitula S. Ioão primogenito dos

Apoc.
1.5.

mortos primeiro, que Principe dos Reys da terra, como quem conhecia muito bem sua generosa condição, & sabia tinha em sua estimação melhor lugar o titulo, que declaraua a generosidade de seu obrar, que o titulo que denotaua a nobresa de seu ser. Conhecia o amado Discipulo, como tão familiar, o genio de seu diuino Mestre, & como quem lhe conhecia tam bem o genio, lhe deu por essa ordem estes titulos, primeiro o que declara a generosidade de seu obrar, depois o que denota a nobresa de seu ser, porque na estimação dos sojeitos generosos nam tem o primeiro lugar os titulos, que denotam a nobresa do ser, senão os que declaraõ a generosidade do obrar.

E a razão disto he, porque ao titulo, que mais engrandece o sojeito, se deue dar a mayor estimação, & he certo, que não engrandece tanto o sojeito a nobresa do ser, como a generosidade do obrar o engrandece, porque a verdadeira grandesa na generosidade do obrar, & não em a nobresa do ser, se funda. Grande çusa he o ser nobre por nascimento, mas o ser generoso em as obras he mais, porque a generosidade das obras sò he a que faz auultar a nobresa do nascimento. Pouco auulta a maior nobresa, onde falta a deuida generosidade, porque em a generosidade do obrar, melhor que em a nobresa do ser, se ostenta a verdadeira grandesa.

Com titulo de grandes sairão a luz os dous Planetas, Príncipes dos astros, pois a ambos dà o Espirito santo na formação de grãdes o titulo, *fecit itaque Deus duo luminaria magna*. Naciaõ o Sol, & a Lua, para Príncipes, razão era, principiallem logo com prendas de grandes, pois sò de quem ostenta prendas de grãde em os principios, se pòde esperar acertos de Principe em os empenhos: mas não està por ora nisto o meu reparo, reparo sò em o nome, que o Espirito santo dà a estes astros, quando os intitula grandes: duas luminarias grandes, & não dous astros grãdes, ou dous grandes Planetas, diz que fez Deus, para dizer, que fez o Sol, & a Lua. *Duo luminaria magna*, não *duo astra magna*, nem *duos Planetas magnos*. E porque? Que razão moueria ao Espirito santo para nomear ao Sol, & a Lua, luminarias, & não astros, ou Planetas, quando os intitula grandes. Para qualificar a grandesa do Sol, & da Lua, mais a proposito, parece erão os nomes de astros, & Planetas, que o de luminarias, porque o nome de astros, & o de Planetas, competem sò a corpos celestes, o nome de luminarias conuem tamem aos sublunares, pois huma tocha, huma candeia, & tudo o mais, que dà luz, se chama luminaria: os corpos celestes são sem comparação mais nobres, que os sublunares, quando logo pretẽde o Espirito santo dar ao Sol, & a Lua, titulo de grandes, por que

Genes.
I. 16.

que os nomeia luminarias, & não Planetas, ou astros? Direy: os nomes de astros, & Planetas, no Sol, & na Lua, denotão a estirada nobreza de seu ser, mas como o nome de luminarias declarã a natiua generosidade de seu obrar, dalhe o Espirito santo nome de luminarias, & não de astros, ou Planetas, quando os publica grandes, para mostrar, que na generosidade do obrar, não em a nobreza do ser, consiste a verdadeira grandesa. Denotão os nomes de astros, & Planetas na Lua, & no Sol, a estirada nobreza de seu ser, porque os publicão corpos puramente celestes, & todos sabemos, que nos corpos celestes se acha a mayor nobreza. O nome de luminarias declara a natiua generosidade do seu obrar, porque significa sojeito, que alumieia, & dà luz, & como o diuino Espirito he o que melhor conhece, qual seja a grandesa verdadeira, não poem a grandesa do Sol, & da Lua, em serem astros, ou Planetas, senão em serem luminarias, para ensinar, que não consiste a verdadeira grandesa tanto em a nobreza do ser, como em a generosidade do obrar. Prezemse os Princeses, & os grandes, mais de luminarias, que de astros, & Planetas, porque não importa tanto o ser Planetas, ou astros, como o ser luminarias, para se publicarem grandes, & accreditarem Princeses: se são astros, & Planetas, em a nobreza do ser, mostrem ser também luminarias na generosi-

dade do obrar, porque nisto se funda, & consiste, por instrução do Espirito tanto a verdadeira grandesa, *fecit itaque Deus duo luminaria magna.* A razão desta razão he, porque a nobreza do ser mostra o que o sojeito he em si, a generosidade do obrar, ve-se no q obra o sojeito em ordem ao bem de outros, & o que mais engrandece, não he o que o sojeito em si he, senão o que em ordem ao bem de outros obra. Não consiste a principal grandesa, & menos a verdadeira regalia, no que os Princeses, & grandes, são em si, senão em o que obrão em ordem ao bem de outros.

Ecclef.
24.7.

Ego in altissimis habitavi, & thronus meus in columna nubis. Eu habito em o mais alto do Ceo, no seyo de meu eterno Padre, & o meu throno esteue em a nuue, com que guiei a meu Pouo pelo deserto, diz a labedoria increada, & são estas palauras benemeritas de grande ponderação, assim pella difficultade, que encerrão, como pella doutrina, que inculcão: se o Filho de Deos dissera, que no seyo de seu eterno Padre, tinha o throno, & que na columna de nuue fazia sua habitação, pouca difficultade tinha o lugar, considerada bem a distancia, que vai da regioão do ar, onde as nuuens se vem, ao alto do Ceo onde o Padre Eterno reside, & bem pôderada a differença, que ha entre o seyo do Padre, & a columna de nuue: mas afirmar, que no seyo do Padre tem tô habitação, & na columna de nuue

throno, encerra diffi- cultade grã- de pella meſma razão: que razão teria logo o Filho de Deos, para dizer que na columna de nuue tinha o throno, & no ſeyo do Padre ſimples habitação? Auue- mos o reparo, & pôderemos bem a diffi- cultade: o nome de habi- tação compete ao domicilio de qualquer particular, o nome de throno conuem ſò ao aſſento dos Princepes ſoberanos: Principe ſoberano melhor parece, ſe o- ſtenta o Filho de Deos em o ſeyo de ſeu eterno Padre, onde logra o meſmo ſer indiuiduo de Deos com elle, que em a colun- na de nuue, onde exercitava o officio de guia de ſeu Pouo, fun- ção que pudera mandar fazer por hum Anjo: Mais claro: o nome de habitação não denota rega- lia, nem ainda grandefa, o nome de throno denota grandefa ſobe- rana, & regalia verdadeira: como logo affirma o Filho de Deos, que tem no ſeyo do Padre ſim- ples habitação, *ego in altiffimis habitauit*, & na columna de nuue mageſtoſo throno, & *thronus meus in columna nubis*? Porque não diz, que no ſeyo do Padre tem o throno, & na columna de nuue a habitação? Direi: No ſeyo do Padre Eterno he o filho de Deos todo para ſi, porque a nenhuma creatura diz relação o fi- lho de Deos, em quanto preci- ſamente aſſistente no ſeyo do Pa- dre, na columna de nuue obra- ua em ordem ao bem de outros, porque guiava ſeu Pouo para a deſejada terra da promiſſão, por

iſſo confessa, que na columna de nuue tem mageſtoſo throno, & no ſeyo do Padre ſimples habi- tação, como quem entendia, que não eſtaua ſua maior grandefa, & menos ſua verdadeira regalia, tanto no q em ſera, como no q em ordem ao bem dos ſeus obra- ua, *ego in altiffimis habitauit*, & *thronus meus in columna nubis*. No ſeyo do Eterno Padre, onde o Filho de Deos he ſò para ſi, con- fessa que habita, como particu- lar, na columna de nuue, com que guia o Pouo, affirma, que tem o throno, como ſoberano Principe, dando a entender, que não engrandece tanto o que os ſojeitos em ſi ſão, como o que em ordem ao bem de outros o- braão. Oh bem: onde os Prince- pes encaminhão como guias, guião como Capitaens, amparão como nuuens, & ſuſtentão co- mo columnas, *in columna nubis*; ahi ſe deuem perſuadir, que tem o throno, porque ahi manifeſtão ſua grandefa, & oſtentão ſua regalia, & *thronus meus*, onde ſão ſò para ſi, não, porque a hi habitão, ou deuem conſiderar, que habitão como particulares, *ego in altiffimus habitauit*. Affim o confessa de ſi o Principe ſu- premo, & aſſim o deuem enten- der de ſi todos os mais Princepes, porque a grandefa principal, & regalia verdadeira, não conſiſte tanto no que os Princepes, & grandes ſão em ſi, como em o que obrão em ordem ao bem de outros. Conſideração, que de- uia fazer o noſſo pretendente, pois

pois dando a Christo em seu memorial titulo de filho de Dauid, & de Saluador, primeiro lhe deu o de Saluador, que denotando a generosidade de seu obrar, declaraua o que obraua em ordem ao bem de outros & depois o de filho de Dauid, que declarando a nobresa de seu ser, denotaua o que era em si. *Iesu fili Dauid.* Quiz dar-lhe em primeiro lugar o titulo, que elle mais estimaua, porque mais o engrandecia, & resoluco-se em dar-lhe primeiro, não o que declaraua o que era em si, senão o que dizia o que obraua em ordem ao bem de outros, intitulado-o primeiro Saluador, & depois filho de Dauid, porque entendo, & entendo bem, que o não engrandecia tanto o que em si era por filho de Dauid, como o que em ordem ao bem do mundo todo obraua em quanto Redêptor. *Iesu fili Dauid.*

Miserere mei. Compadecei-vos Senhor de mim, vtaí comigo de vossa misericordia. Apenas intitula o cego a Christo Principe, assim por Saluador, como por filho de Dauid, quando logo implorou sua misericordia, pedindo se compadeceffe de sua miseria. Oh como andou prudente o cego! que aduertido procedeo o nosso pretendente! Principe intitula o senhor, quando pretende experimentallo misericordioso: Para o inclinar à misericordia, lêbralhe que he Principe: & com grande aduertencia, porque he mui natural em os Prin-

cepes a misericordia, & em ninguém he a misericordia tão natural, como em os Princeses. São os Princeses inclinados naturalmente à misericordia, & na inclinação, que a misericordia mostram, mostram que o são os Princeses. A demonstração mais euidente de ser Deos Principe supremo, he ser em todo o estremo misericordioso: em nenhuma cousa mostra Deos nosso Senhor com tanta euidencia a eminençia de seu Principado, como em mostrar-se inclinado ao exercicio da misericordia. Assim o affirma meu glorioso Padre S. Antonio, *quod eius*, diz elle fallando de Deos, *quod eius praesentiam manifestat, est misericordia.* Como se dissera: na inclinação, que a misericordia mostra, nas obras de piedade, que exercita, ostenta Deos a geral presidencia, com que sobre tudo domina, o supremo dominio, com que sobre todos impera. Assim o diz o deuoto Padre, & assim he na realidade: Na inclinação que a misericordia mostram, mostram que o são os mayores Princeses.

Sobre o peito inclinou Christo a cabeça estando em a Cruz; *inclinato capite*, & nesta inclinação misteriosa diz S. Ioão Christostomo, que mostrou o Senhor com toda a euidencia ser Principe supremo do vniuerso, *per quod ostendit eum Euangelista, esse omnium dominum.* De modo que na inclinação da cabeça ostentou Christo a eminençia de seu Principado: em referir como o ele-

S. A nota
fer. fer.
4. Domini
1. quadr.

Ioanni
19. 30.

Christi
84 in
Ioanni

mentíssimo Senhor inclinou sobre o peito a cabeça, o declarou o seu fiel Chronista por verdadeiro, & supremo Princepe. Assim o diz o Padre, mas eu ainda não alcanço a razão, que o Padre teue para o dizer assim; Que côueniencia tê o inclinar sobre o peito a cabeça, com o ser Princepe supremo, para dizer a luz de Grecia, que então se ostentou o filho de Deos Princepe supremo, quando inclinou sobre seu peito a cabeça? Não expressou S. João Chrisostomo a razão, em que se fundou para o dizer, mas S. Lourenço Iustiniano aponta o fundamento, que deuia ter para o afirmar: notem a razão, que he tão subtil, como deuota: Inclinando a cabeça sobre o peito, mostrou-se Christo inclinado à misericordia, porque a officina principal da misericordia, que he o coração, reside em o peito, & assim como o Senhor nesta inclinação se mostrou à misericordia de veras inclinado, *caput liquefecit ad misericordiam*, nesta mesma inclinação se declarou com effeito Princepe supremo, *per quod ostendit eum Euangelista, esse omnium dominum*. Na mesma ação, em que o Salvador se mostrou mais inclinado à misericordia, declarou melhor a emnencia de seu principado, dando-se a conhecer por Princepe supremo, & Senhor verdadeiro de todo o vniuerso, porque não ha demonstração mais euidente de ser hum sojeito verdadeiro Princepe, que o mostrar-se de ve-

ras à misericordia inclinado, pois na inclinação, que a misericordia mostraõ, mostraõ que o são os Princepes. *Caput liquefecit ad misericordiam, per quod ostendit eum esse omnium dominum*, & porque o nosso pretendente estaua muito bem nesta maxima, quando pretendia inclinar a Christo a que vzaße com elle de sua misericordia, lhe lembrou que era Princepe, intitulado-o Salvador, & filho de Dauid. *Iesu fili Dauid miserere mei*.

Mas parece se portou o Senhor com este pobre cego menos misericordioso do que se esperaua de hum Princepe tão ajustado, pois não deferio a seus primeiros clamores, porque muitas vezes repetio o cego os clamores, primeiro, que o Senhor lhe deferisse dandolhe audiencia, & remediando sua miseria, *at ipse multo magis clamabat*. O dilatar a audiencia aos pretendentes, & differir o remedio aos necessitados, não são lanços de misericordia, tãtas parecê de piedade, porque o prin or da misericordia ve-se na breuidade com que se remedia o necessitado, & a obrigação dos Princepes satisfasse, ouuindo sem dilação os pretendentes. Como logo sendo Christo Princepe verdadeiro, & sendo proprio dos Princepes serem misericordiosos, falta o Senhor nos primores de misericordioso, & ainda às obrigações de Princepe? Hora o certo he, que não saltou, nem podia saltar o Senhor nesta occasião, como nem em alguma outra, nos pri-

primores de misericordioso, & menos a obrigação de Príncipe, antes nisto se mostrou mais de veras Príncipe, & com mais primor misericordioso, porque se não defirio aos primeiros clamores do cego, foi porque vinha occupado em doutrinar as turbas, & a ley de Príncipe, & misericordioso, deuia o Senhor continuar a doutrina das turbas, dilatando por esse respeito a cura do cego, por duas razões; a primeira porque a doutrina das turbas era pasto espiritual das almas, a cura do cego, era remedio temporal do corpo, & por attender ao bem temporal, que para em cômodo do corpo, não se ha de interromper o bem espiritual, que conduz à saluação da alma. A segunda razão, & mais politica he, porque o doutrinar as turbas era bem commum, porque era em utilidade de muitos, o sarar o cego era bem particular, porque era remedio de hñm sò, & a toda a ley deuia o Senhor dilatar o remedio do particular em quanto attendia a expedição do bem cômun. Encontrandose expedições do bem cômun com o remedio dos particulares, não se ha de tratar do remedio dos particulares, senão de dar expedição ao bem cômun. Esperem os particulares, & não padeça o cômun, porque a toda a ley deue preferir-se o bê cômun ao particular.

A primeira palavra, que profereio o Príncipe supremo em o throno da Cruz, foi pedindo a seu Eterno Padre perdaõ por todos os que eraõ complices em sua mor-

te. *Pater dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt.* Outras palavras disse o Senhor em a Cruz, Luc. 23. 34. mas entre todas esta do perdaõ foi a primeira: E porque seria a primeira esta do perdaõ? A meu ver foi, porque esta sò era em ordem ao bem commum, & como Christo na Cruz pretendia mostrar-se príncipe em todo o extremo misericordioso. *Iesus Nazarenus Rex,* tratou em primeiro lugar do que tocava ao bem cômun, & depois do que tocava ao cômodo de particulares. *Pater ignosce illis.* Era a petição do perdaõ em ordem ao bem commum, porque os mais dos que assistião em Ierusalem, assim Romanos, como Hebreos, eraõ complices na morte do Senhor: era tudo o mais em ordẽ ao cômodo de particulares, porque a segunda palavra, que o Senhor em a Cruz disse, foi prometẽdo a Dimas côpanheiro seu em o tormento, se bem não em a causa, o Ceo, *hodie mecum eris in para liso,* a terceira foi encomendando sua santissima mãy ao seu Discipulo amado, & o Discipulo amado a sua mãy santissima, *ecce filius tuus. ecce mater tua,* a quarta publicando sua mortifera sede *sitio,* a quinta queixãdo-se de seu extremo desamparo. *Deus Deus meus, ut quid dereliquisti me,* a sexta protestãdo, tinha satisfeito pontualmente de Redemptor o officio, *consummatum est,* a septima entregando nas mãos de seu Eterno Padre seu alentado espirito, *Pater in manus tuas cõmendo spiritũ*

I. 31

Ioann. 19. 26. ib. 18.

Math. 27. 46.

Luc. 24. 46.

n eum,

meum, por isso de quantas pá-laras na Cruz proferio, quis fosse a do perdaõ a primeira, mostrando que o seu principal empenho, era tratar do que tocava ao bem cõum, & que depois de tratar do que tocava ao bem cõum, attendia ao cõmodo dos particulares. Cortou pellos respeitos mais apertados por attender à obriga-ção mais precisa, defobrigandose de tratar do cõmodo da mãy; do Discipulo; do companheiro, & ainda do seu proprio cõmodo, em quanto attendia ao perdaõ dos inimigos, porque o perdaõ dos inimigos era bem cõum, & tudo o mais commo de particu-lares. Primeiro tratou do que to-cava ao bem cõum, ainda dos menos benemeritos, & depois do que pertẽcia ao cõmodo dos par-ticulares, ainda mais chegados, porque entendo, conuinha faze-lo assim à ley de Princepe, & de misericordioso, pois a toda a ley deve perferirse o bem cõum ao particular. Bem dizia eu logo, que dilatando o Senhor a cura do cego por continuar a douctrina das turbas, se mostrara mais de veras Princepe, & com mais primor misericordioso, pois dilataua o remedio do particular por at-tender ao bem commum, & nam interrompia a expedição do bem cõum; por attender ao cõmodo do particular, *at ipse multo magis clamabat: respice.*

Assim obseruou sempre este Princepe diuino, & sempre o de-uê obseruar assim a sua imitação

os Princepês, & superiores hu-manos, porque sò entãõ se por-tãõ como deuem os superiores, & Princepes humanos, quando se ajustãõ, no modo que podem, a este exemplar diuino. Todos os Princepes bons sãõ intellectuaes copias deste soberano exemplar, pois como diz o antigo Prouer-bio, todo o bom Princepe he ima-gem animada do Princepe su-premo, que he Deos. *Princeps probus animata Dei in terris ima-go.* E he certo, que em nenhuma cousa se parecem os Princepes tanto com Deos, como no affecto da misericordia & no zelo do bẽ cõum, pois o mesmo Deos na Cruz onde se ostentou mais de veras Princepe, *Dominus regna-uit à ligno*, se manifestou do bem cõum mais zeloso, & ao exerci-cio da misericordia mais affecto. *Pater dimitte illis.* Ditõs os vassallos, & venturosa a Monar-chia, que chegarãõ a ter Princepe tãõ parecido com Deos, assim no zelo do bem commum, como no affecto da misericordia, Prin-cepe, que sem faltar ao commo dos particulares, sempre attende primeiro a expedição do bem cõum, porque a sombra de tal Princepe se podẽ prometer gran-des felicidades os vassallos, & felices augmentos a Monarchia, es-perando nas empresas prosperos successos, & nos empenhos suc-cessiuas prosperidades, acompa-nhadas nesta vida de muita graça, & melhoradas em a outra com muita gloria. *Ad quam, &c.*